

Sou Ladrão?

A VERDADE Sobre

Não Dar o Dízimo



César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

Sou Ladrão?

A **VERDADE** Sobre Não Dar o

Dízimo

César Francisco Raymundo



revista cristã
Última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Sou Ladrão?
A Verdade Sobre Não Dar o Dízimo

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagens da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Janeiro de 2026

Índice

Sobre o autor	08
Introdução	
Malaquias 3:10: uma Explicação Simplista	09
Capítulo 1	
Abraão deu o Dízimo no Período da Graça?	11
O Dízimo de Jacó	13
Posso ser Classificado como Ladrão?	15
Capítulo 2	
Como Era o Dízimo no Período da Lei?	16
O Dízimo dos Levitas (Dízimo Regular)	16
O Dízimo das Festas (Dízimo da Celebração)	17
O Dízimo dos Pobres (Dízimo Social)	18
Posso ser Classificado como Ladrão?	19
Capítulo 3	
O Dízimo no Novo Testamento	21
Posso ser Classificado como Ladrão?	22
Capítulo 4	
O Novo Testamento Enfatiza a Generosidade como Princípio Central	24
O Socorro aos Pobres, Órfãos e Viúvas	25
Contribuições para Aqueles que se Dedicam ao Ensino da Palavra de Deus e a Obra Missionária	33

Capítulo 5	
A Prosperidade é Vontade de Deus	38
Conclusão	
Você não é Ladrão, mas...	47
Obras importantes para pesquisa...	49

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução

Malaquias 3:10: uma Explicação Simplista

“Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida”.

- Malaquias 3:10

A interpretação de Malaquias 3:10 por muitos pastores costuma ser bastante simplista. Frequentemente, eles afirmam que o dízimo corresponde a 10% do salário do crente fiel, que deve ser entregue à Igreja (“à casa do Tesouro”). Além disso, as ofertas mencionadas no verso 8 seriam valores adicionais em dinheiro, que, em alguns casos, deveriam ultrapassar o valor do dízimo.

Segundo essa interpretação, aqueles que não contribuem dessa forma seriam considerados ladrões. Para reforçar essa ideia, muitos citam 1^a Coríntios 6:10, alegando que “os ladrões não herdarão o Reino de Deus”, como forma de advertência àqueles que não dão dízimos ou ofertas.

Essa é, de fato, a explicação mais simplista que conheci ao longo do tempo, nas diversas igrejas por onde passei.

Convido o leitor a se aprofundar nesse tema para compreender o que as Escrituras Sagradas realmente dizem sobre dízimos e ofertas. Não pense que este será um e-book exaustivo sobre o tema, mas na forma de um livreto pretendendo transmitir o necessário para que muitos não sejam enganados sobre a questão dos dízimos e como abençoar os pobres e a obra de Deus com suas finanças e posses.

Vamos deixar de lado, por enquanto, o texto de Malaquias 3:10, começando essa análise a partir do capítulo 1, onde falarei sobre o dízimo que Abraão deu a Melquisedeque, rei de Salém.

1

Abraão deu o Dízimo no Período da Graça?

O patriarca Abraão tem sido visto como exemplo de quem deu o dízimo antes da Lei de Moisés, e, portanto, para muitos isto é um claro sinal de que o dízimo também é válido para o período da graça. De acordo com a cronologia bíblica, alguns afirmam que Abraão foi o primeiro homem a fazer uso dessa prática de dar o dízimo. O texto de Gênesis 14:18–20 diz:

“Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo.

Abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo”.

O fato de Abraão entregar o dízimo pode estar relacionado ao contexto religioso em que viveu antes de conhecer mais plenamente o Deus verdadeiro, uma vez que ele veio de um ambiente pagão no qual práticas semelhantes já existiam. No entanto, o texto bíblico destaca que, ao reconhecer a ação do Deus Altíssimo na vitória alcançada, Abraão entrega os dízimos a Deus por meio de Melquisedeque. Esse ato antecede a Lei de Moisés, demonstrando que o dízimo não se origina nela.

Por essa razão, alguns afirmam que, pelo fato de Abraão ter dizimado antes da Lei, ele o teria feito no chamado “tempo da Graça”. Contudo, essa divisão rígida entre “tempo da Lei” e “tempo da Graça” apresenta um problema teológico. Não há sequer um período da história em que a graça de Deus não esteja presente. Desde o primeiro ato criador do Universo, tudo já se constitui como um ato de Graça.

Se Graça significa “favor imerecido”, então ninguém jamais mereceu coisa alguma: nem a própria existência, nem a criação, nem as maravilhas do mundo, nem as riquezas espirituais. Tudo é Graça, do começo ao fim. É verdade que a Lei foi dada por intermédio de Moisés, e a Graça e a verdade vieram por meio de Cristo; porém, Cristo é o Cordeiro que foi conhecido antes da fundação do mundo. Seu sacrifício antecede a própria criação, o que demonstra que o perdão e a salvação precedem a história humana (João 1:17; Apocalipse 13:8; 1ª Pedro 1:19–20; Efésios 1:4).

O fato de Abraão dar o dízimo a Melquisedeque demonstra um ato voluntário de gratidão e de graça, já que ninguém o ordenou a fazê-lo; ele o fez ao reconhecer que a vitória alcançada não veio de sua própria força, mas do Deus Altíssimo, a quem Melquisedeque servia como sacerdote.

Os dízimos entregues por Abraão a Melquisedeque vieram dos despojos de guerra, e não de suas riquezas pessoais acumuladas anteriormente. O relato bíblico deixa isso claro no contexto de Gênesis 14. Após derrotar os reis que haviam levado Ló cativo, Abraão recupera pessoas e bens, e é nesse momento que Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, sai ao seu encontro, abençoando-o. Em resposta a essa bênção e ao reconhecimento de que a vitória veio de Deus, Abraão entrega o dízimo “de tudo”, expressão que, pelo contexto imediato, refere-se aos despojos obtidos na batalha (Gênesis 14:18–20).

Essa interpretação é reforçada pelo episódio seguinte, quando o rei de Sodoma propõe que Abraão fique com os bens e devolva apenas as pessoas. Abraão recusa firmemente qualquer parte desses despojos, afirmando que não tomaria “nem um fio, nem uma correia de sandália”, para que ninguém dissesse que o havia enriquecido (Gênesis 14:21–23). Isso mostra que os bens estavam sob sua posse apenas temporariamente, como resultado da guerra, e que ele não os incorporou ao seu patrimônio pessoal. Ainda assim, antes de devolver tudo, separou voluntariamente o dízimo e o entregou a Melquisedeque, como ato de honra e reconhecimento espiritual.

O Novo Testamento confirma essa leitura ao afirmar que Abraão deu o dízimo “dos melhores despojos” (Hebreus 7:4), destacando tanto a origem quanto a qualidade da oferta. Assim, o dízimo não foi um tributo obrigatório nem uma contribuição regular de renda, mas um gesto espontâneo de gratidão, fé e reconhecimento da soberania de Deus sobre a vitória conquistada.

O Dízimo de Jacó

O dízimo de Jacó, conforme relatado em Gênesis 28, não aparece como uma regra geral nem como um mandamento Divino, mas claramente como um voto pessoal, voluntário e condicionado, feito em um momento específico de sua vida. Ao fugir de Esaú e passar a noite em Betel, Jacó tem uma experiência marcante com Deus por meio de um sonho, no qual o Senhor lhe promete presença, proteção e retorno seguro à terra (Gênesis 28:12–15). Diante dessa revelação, Jacó responde com um voto, e não com uma ordem recebida.

O texto bíblico afirma explicitamente que Jacó fez um voto, dizendo:

“Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer e roupa para vestir, e eu tornar em paz à casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus”.

- Gênesis 28:20–21

Em seguida, ele completa o voto declarando que a pedra que havia erguido como memorial seria a casa de Deus e que de tudo quanto Deus lhe desse, certamente lhe daria o dízimo (Gênesis 28:22):

“E esta pedra que hoje coloquei como coluna servirá de santuário de Deus; e de tudo o que me deres certamente te darei o dízimo”.

Essa estrutura deixa claro que o dízimo está inserido dentro de um compromisso voluntário e condicional, relacionado à fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas.

A natureza desse dízimo, portanto, não é apresentada como uma prática obrigatória para todos, nem como uma instituição válida para aquele período histórico como regra geral. Trata-se de uma resposta pessoal de Jacó à graça e à promessa de Deus. Diferentemente da Lei mosaica, que séculos depois regulamentaria o dízimo como um mandamento nacional e cultural para Israel (Levítico 27:30–34; Números 18:21–24; Deuteronômio 12:5–7), o dízimo de Jacó nasce de um ato espontâneo de fé, reconhecimento e compromisso.

Além disso, o texto não detalha a forma prática desse dízimo — se em bens, rebanhos ou outro tipo de recurso — apenas afirma que seria dado “de tudo” o que Deus lhe concedesse, reforçando seu caráter abrangente, porém pessoal. Assim, o dízimo de Jacó deve ser compreendido como um voto voluntário, motivado pela experiência com Deus, e não como uma norma universal ou obrigatória para todos os servos de Deus naquele tempo (Gênesis 28:22).

Posso ser Classificado como Ladrão?

Diante dos dois principais relatos de dízimo no Antigo Testamento — os de Abraão e Jacó — o leitor pode se perguntar se alguém pode ser classificado como “ladrão” por não entregar o dízimo à sua denominação religiosa. À luz desses dois casos, a resposta é não.

No caso de Abraão, o dízimo não foi retirado de seus bens pessoais nem de sua renda regular, mas dos despojos de guerra, isto é, bens tomados dos inimigos após a vitória. Trata-se de uma situação excepcional, não repetível nem normativa. Não faria sentido, nem seria correto no contexto atual, imaginar alguém saqueando bens para então dizimá-los em uma igreja. Além disso, Abraão não recebeu qualquer mandamento para dizimar; seu ato foi voluntário e pontual.

Quanto a Jacó, seu dízimo surge no contexto de um voto pessoal e condicionado, e não de uma ordem de Deus. Jacó prometeu entregar o dízimo caso Deus o guardasse, o sustentasse e o fizesse voltar em paz. Sendo um voto voluntário, ele só obrigava quem o fez. Assim, quem não faz tal voto não pode ser acusado de infidelidade por não cumpri-lo. Ninguém pode ser considerado culpado por deixar de cumprir um voto que nunca assumiu.

Portanto, do ponto de vista bíblico, especialmente à luz dos relatos de Abraão e Jacó, deixar de entregar o dízimo à igreja não equivale a roubar a Deus, pois não há mandamento universal nesses textos, mas atos voluntários, específicos e não normativos. Roubo só existe quando há uma obrigação previamente estabelecida, o que não ocorre nesses dois casos.

2

Como Era o Dízimo no Período da Lei?

Ao tratar do dízimo no período da Lei, é essencial compreender que ele assume uma forma diferente dos exemplos anteriores vistos em Abraão e Jacó. Nesse momento da história bíblica, o dízimo passa a ser regulamentado dentro de um sistema legal, cultural e nacional específico de Israel, com propósitos claramente definidos. É a partir dessa estrutura que os tópicos a seguir serão apresentados.

O Dízimo dos Levitas (Dízimo Regular)

Os levitas foram separados por Deus para o serviço do Tabernáculo e, mais tarde, do Templo. Sua função era auxiliar os sacerdotes, cuidar das coisas sagradas, ensinar a Lei e conduzir o louvor do povo. Diferentemente das outras tribos, eles não receberam herança territorial em Israel, pois o próprio Senhor declarou ser a sua herança (Números 18:20; Deuteronômio 18:1–2).

Por não possuírem terras para cultivo, Deus estabeleceu que os levitas fossem sustentados pelo dízimo do povo. Em Números 18:21, o Senhor afirma:

“Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam”.

O dízimo correspondia à décima parte da produção da terra e do gado (Levítico 27:30) e era entregue de forma regular, ligada ao ciclo anual das colheitas (Deuteronômio 14:22).

Além disso, a cada terceiro ano havia um dízimo especial, recolhido nas cidades, destinado aos levitas, juntamente com estrangeiros, órfãos e viúvas, como expressão de justiça social e cuidado comunitário (Deuteronômio 14:28–29; 26:12). Mesmo os levitas, ao receberem os dízimos, deveriam separar a décima parte e entregá-la ao Senhor por meio dos sacerdotes (Números 18:26).

Assim, o dízimo foi instituído como provisão de Deus para a subsistência dos levitas, permitindo que se dedicassem integralmente ao serviço religioso e ao ensino da Lei em Israel.

O Dízimo das Festas (Dízimo da Celebração)

Além do dízimo destinado aos levitas, havia o que a Lei chama de dízimo das festas. Esse dízimo tinha um propósito diferente: promover a adoração, a gratidão e a comunhão do povo diante do Senhor.

Deus ordenou que, todos os anos, o israelita separasse o dízimo de sua produção e o levasse ao lugar que o Senhor escolhesse, para ali celebrar na Sua presença. Esse dízimo incluía cereais, vinho e azeite, e estava ligado às grandes festas religiosas de Israel (Deuteronômio 14:22–23). O objetivo não era apenas sustento, mas ensinar o povo a temer ao Senhor e reconhecer que tudo vinha d'Ele.

Esse dízimo era consumido pelo próprio ofertante e sua família durante as festas, em um ambiente de alegria e reverência, compartilhado também com o levita, que não tinha herança na terra (Deuteronômio 14:26–27). Assim, o culto se tornava um momento de celebração coletiva, onde ninguém era excluído.

A regularidade desse dízimo era anual, acompanhando o ciclo das colheitas e das festas estabelecidas por Deus (Deuteronômio 14:22). Ele reforçava a ideia de que prosperidade e alegria deveriam estar ligadas à presença do Senhor, e não apenas ao acúmulo de bens.

Portanto, o dízimo das festas tinha como objetivo central manter viva a memória da provisão Divina, fortalecer a fé do povo e transformar as celebrações religiosas em momentos de gratidão, ensino espiritual e comunhão diante de Deus.

O Dízimo dos Pobres (Dízimo Social)

Os dízimos destinados aos pobres eram uma prática importante na antiga Israel, e a Bíblia fala sobre isso em vários momentos. Esses dízimos não eram apenas para sustentar os sacerdotes e levitas, mas também para ajudar os necessitados, como os órfãos, viúvas e estrangeiros.

O dízimo para os pobres tinha uma periodicidade específica, sendo recolhido a cada três anos. Isso está descrito em Deuteronômio 14:28-29, que diz:

“Ao fim de cada terceiro ano, você deverá tirar o dízimo de toda a sua produção anual e colocá-lo em suas cidades. E os levitas, porque não têm parte nem herança com você, os estrangeiros, os

órfãos e as viúvas, que estiverem dentro das suas cidades, virão e comerão até saciar-se, para que o Senhor, seu Deus, os abençoe em toda a obra das suas mãos que você fizer”.

Esse dízimo tinha como objetivo garantir que os mais vulneráveis tivessem o que comer e não passassem necessidades. O versículo deixa claro que isso era uma forma de bênção, pois Deus prometia abençoar aqueles que seguiam essa prática.

Em resumo, tanto os dízimos para os pobres quanto para as festas tinham o propósito de promover justiça social, adoração e dependência de Deus, e ambos eram regulares e específicos, como descrito nas Escrituras.

Posso ser Classificado como Ladrão?

Em vista dos pontos que discutimos anteriormente, agora vamos analisar se, nos dias de hoje, uma pessoa pode ser classificada como “ladrão” por não dar o dízimo. Primeiro, é importante entender que, na antiga Israel, o dízimo tinha como principal destino sustentar os levitas, sacerdotes e a estrutura do templo, além de ajudar os pobres, como vimos nas Escrituras. Porém, precisamos lembrar que hoje não vivemos em uma sociedade agrícola como a de Israel, e não temos mais templo, levitas nem sacerdotes no mesmo sentido em que existiam na época.

O templo foi destruído no ano 70 d.C., e com isso, a prática de sustentar a estrutura do templo e os sacerdotes, como estava estipulado na Lei, deixou de ser aplicável. Hoje, o templo não é mais um edifício físico, mas, conforme ensinado no Novo Testamento, o templo agora é o corpo de Cristo (1^a Coríntios 6:19). Ou seja, a presença de Deus habita no cristão individualmente e na Igreja como

corpo coletivo, não mais em um local específico como no Antigo Testamento. Portanto, não se pode classificar alguém como “ladrão” por não contribuir para algo que não existe mais.

No entanto, Jesus nos lembrou que “os pobres sempre teremos conosco” (Mateus 26:11), o que significa que, embora as exigências relacionadas ao templo e aos levitas tenham mudado, a responsabilidade de ajudar os necessitados permanece. Assim, embora não sejamos mais obrigados a sustentar um templo ou sacerdotes, a prática de ajudar os pobres e os necessitados ainda é válida e importante para os cristãos. Portanto, ninguém pode ser considerado “ladrão” por não contribuir para o templo, mas ainda devemos ter em mente a importância de ajudar os pobres e necessitados, como Jesus nos ensinou. Falarei mais sobre a oferta aos pobres nos próximos tópicos.

Capítulo 3

O Dízimo no Novo Testamento

Para justificar a prática simplista de dar 10% do salário para as igrejas nos dias atuais, muitos pastores recorrem às palavras de Jesus no Novo Testamento, tentando provar que, nos tempos da Nova Aliança, ainda existe a obrigatoriedade do dízimo. Um dos versículos mais citados é Mateus 23:23, onde Jesus faz uma crítica direta aos fariseus pela hipocrisia em cumprir a Lei de maneira exterior, enquanto negligenciam os princípios mais profundos da verdadeira justiça, misericórdia e fé:

“Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dízimo de tudo o que recebem, até do cominho, do endro e do alho, mas negligenciam os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês deveriam praticar estas coisas, sem omitir aquelas”.

Aqui, Jesus reconhece que os fariseus estavam, de fato, dando o dízimo, mas os repreende por focarem nas regras externas, ao mesmo tempo em que ignoravam as questões mais centrais e espirituais da Lei de Deus, como a justiça e a misericórdia.

De maneira semelhante, em Lucas 11:42, Jesus faz uma crítica parecida aos fariseus, alertando-os sobre sua ênfase excessiva nas práticas religiosas externas enquanto desconsideraram o coração da Lei:

“Ai de vocês, fariseus! Vocês dão o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as outras ervas, mas desprezam a justiça e o amor de Deus. Vocês deveriam praticar essas coisas, sem omitir aquelas”.

É fundamental notar que, quando Jesus fala sobre o dízimo nesses versículos, Ele está se referindo a práticas que pertencem ao Antigo Testamento, parte do sistema religioso judaico que existia antes da Vinda de Cristo. O termo “dízimo” vem do grego ἀκριμα (*akrima*), que significa “uma décima parte”, e é usado da mesma forma que no Antigo Testamento para indicar a prática de dar uma parte dos bens a Deus. No entanto, os textos de Mateus e Lucas não servem como uma justificativa para a continuidade dessa prática de forma simplista ou automática, como muitos tentam fazer hoje, onde se exige que os cristãos deem 10% de seus salários para as igrejas baseados nesses versículos.

Esses versículos não têm o objetivo de reforçar a obrigatoriedade do dízimo como era praticado em Israel, nem de impor que os cristãos devem seguir essa prática à risca no contexto atual. O foco de Jesus, na verdade, era questionar a hipocrisia e a superficialidade religiosa, e não estabelecer uma regra de contribuição financeira que devesse ser aplicada de maneira rígida e formal nos tempos da Nova Aliança. A verdadeira mensagem de Jesus é sobre o coração da pessoa e a justiça, misericórdia e fidelidade que devem vir antes de qualquer ato externo de religião.

Posso ser Classificado como Ladrão?

Diante das repreensões de Jesus contra os fariseus, não se pode classificar você como “ladrão”, pois estamos longe do contexto em que Ele falava, um tempo em que existiam levitas, sacerdotes e o templo em Jerusalém. No entanto, a realidade de termos pobres ainda

permanece. Portanto, as palavras de Jesus não servem como base para justificar a prática do dízimo nos dias de hoje, como muitos pastores afirmam. A ênfase de Jesus estava na sinceridade do coração e no cumprimento dos princípios mais profundos da Lei, como justiça, misericórdia e fé, e não na imposição de uma contribuição financeira rígida, como o dízimo, no contexto atual.

Capítulo 4

O Novo Testamento Enfatiza a Generosidade como Princípio Central

Vimos até agora que a prática do dízimo, ou a entrega de 10% dos rendimentos, era uma exigência da Lei Mosaica no Antigo Testamento, voltada especificamente para o povo de Israel. Esse valor era destinado ao sustento dos levitas (sacerdotes), ao templo e à ajuda dos pobres. No entanto, no Novo Testamento, o dízimo não é imposto como uma obrigação para os cristãos. Isso é claro nas Escrituras, uma vez que a Nova Aliança em Cristo substitui a Antiga Aliança. Como resultado, a exigência legal do dízimo não se aplica mais, especialmente porque não há mais templo, sacerdotes levitas, ou festas judaicas a serem observadas.

Nos tempos do Novo Testamento, a ênfase é dada à generosidade voluntária, não a uma obrigação fixa, seja anual ou mensal. A preocupação não é com uma porcentagem específica, mas com a atitude do coração. Passagens como 2^a Coríntios 9:7, que diz: “Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com tristeza ou por obrigação, pois Deus ama a quem dá com alegria”, mostram que o cristão deve dar com um espírito de gratidão e generosidade, sem imposição de um valor fixo.

Embora o Novo Testamento não exija o dízimo de 10%, essa prática pode ser uma boa referência para a vida cristã, desde que não

seja encarada como uma obrigação legalista. A ideia é que os cristãos devem ser generosos, mas sem limitar sua oferta a uma porcentagem fixa.

Em resumo, no Novo Testamento, o dízimo não é uma exigência ou obrigação, mas sim uma prática que pode ser seguida de forma voluntária, de acordo com a consciência e a generosidade de cada cristão. A principal ênfase está na liberdade em Cristo e na atitude do coração em relação ao dinheiro e à generosidade. A generosidade cristã está profundamente ligada ao ensino de Jesus, que incentivou seus seguidores a ajudar os outros com um coração puro, sem esperar algo em troca. Na Fé Cristã, dar não se resume ao valor material, mas ao amor e à disposição de servir. Jesus ensinou que é mais abençoado quem dá do que quem recebe (Atos 20:35), e a generosidade cristã reflete o amor de Deus, sendo uma forma de estender a mão aos necessitados e praticar a solidariedade e a compaixão.

O Socorro aos Pobres, Órfãos e Viúvas

Agora que, talvez, o leitor esteja aliviado por não carregar a culpa de ser considerado um ladrão por não dar o dízimo, é importante lembrar que, embora o sistema de templo, sacrifícios, sacerdotes e festas tenha sido substituído, ainda temos em nosso meio os necessitados: os pobres, órfãos e viúvas, que a lei do dízimo buscava amparar. Na lei do dízimo dizia:

“Ao fim de cada terceiro ano, traga todo o dízimo da sua colheita daquele ano e deposite-o nas suas cidades. Assim, os levitas, que não têm parte nem herança com você, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas, que vivem nas suas cidades, virão e comerão e se fartarão, e o Senhor, o seu Deus, os abençoará em tudo o que fizerem”.

- Deuterônomo 14:28-29

A não ser que se acredite que não temos mais pobres, viúvas, órfãos e estrangeiros, nem responsabilidades para com eles, a prática de cuidar deles não foi extinta. O Senhor Jesus deixou claro quando disse:

“Os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes”.

- Mateus 26:11

Aqui entra a verdadeira prática do Cristianismo, que, ao invés de ser apenas uma religião, é um estilo de vida:

“A religião pura e sem mácula para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições, e guardar-se incontaminado do mundo”.

- Tiago 1:27

Este versículo nos mostra dois aspectos fundamentais da verdadeira religião cristã: cuidar dos necessitados, especialmente dos órfãos e viúvas (os mais vulneráveis na sociedade da época), e viver de maneira pura, mantendo-se imune às influências negativas do mundo. A verdadeira religião, conforme Tiago nos ensina, não é sobre rituais ou aparências, mas sobre atitudes práticas de amor, cuidado com o próximo e uma vida de santidade, livre do pecado.

E se você tem sido daquelas pessoas que, por muitos anos, deu o dízimo com a ideia de “barganhar” com Deus, saiba que:

“Quem trata bem os pobres empresta ao Senhor, e ele o recompensará”.

- Provérbios 19:17

Esse versículo nos ensina que, ao ajudar os pobres e necessitados, estamos, de certa forma, fazendo um “emprestímo” a Deus, e Ele

nos recompensará por nossa generosidade. A ideia é que, ao servir aos mais vulneráveis, estamos demonstrando nossa obediência e amor a Deus, e Ele promete retribuir com bênçãos. Esse princípio é amplamente destacado nas Escrituras, reforçando a importância de cuidarmos uns dos outros, especialmente dos necessitados.

Note, portanto, caro leitor, que as bênçãos prometidas no passado para a entrega de dízimos e ofertas continuam a se aplicar por meio da ajuda aos pobres e necessitados. No entanto, não paramos por aí. Também há bênçãos reservadas para aqueles que participam das contribuições destinadas ao sustento daqueles que se dedicam ao ensino da Palavra de Deus e à obra missionária. Isso será abordado no próximo tópico.

Mas, antes de avançarmos, devo lembrar que as práticas de esmolas são incentivadas e bem vistas nas páginas do Novo Testamento. No mínimo, onze passagens mencionam a importância de dar esmolas. Nos tempos de Jesus, dar esmolas era visto como um ato nobre e piedoso, significando socorrer os pobres com dinheiro, comida ou roupas. Era uma expressão prática do amor ao próximo:

“Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas, quando tu deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita, para que a tua esmola seja dada em segredo; e o teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente”.

- Mateus 6:2-4

Em Lucas 3:11, João Batista ensina sobre a generosidade e a repartição de bens:

“Quem tiver duas túnicas, dê uma a quem não tem; e quem tiver comida, faça o mesmo”.

Neste versículo, João está falando sobre a importância de dividir o que temos com os necessitados. A ideia de “repartir” os bens é um princípio que Jesus também reforça em Seu ministério, como podemos ver em Mateus 19:21:

“Jesus lhe disse: ‘Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me’”.

Aqui, Jesus está conversando com o jovem rico, ensinando que a verdadeira perfeição não está na acumulação de bens materiais, mas na generosidade e em dar aos outros, especialmente aos pobres. A verdadeira segurança está em Deus, e não nas riquezas, como Ele também ensina em Lucas 12:33-34:

“Vendei os vossos bens e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se estraguem, tesouro nos céus que não acabe, onde o ladrão não chega, nem a traça destrói. Porque onde está o teu tesouro, ali estará também o teu coração”.

Em Atos 2:44-45, vemos a prática da comunidade cristã primitiva, que vivia essa generosidade de forma muito prática, especialmente sabendo que a destruição de Jerusalém estava próxima:

“Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade”.

Os primeiros cristãos não estavam criando um sistema econômico fixo, mas praticando uma solidariedade que atendia às necessidades específicas de sua comunidade. Essa prática foi uma expressão de amor mútuo, especialmente em um momento de perseguição e dificuldades. Isso não deve ser confundido com o Comunismo ou com uma prática obrigatória para todas as igrejas.

É crucial entender que o que vemos em Atos 2 foi uma resposta a uma situação específica e não uma imposição para todas as igrejas ou um modelo a ser seguido por todos os cristãos em todos os tempos. Não se trata de um sistema comunista ou socialista, pois não havia a abolição da propriedade privada ou a organização de uma economia coletiva controlada pelo Estado. Ao invés disso, era uma expressão espontânea de generosidade motivada pelo amor e pela necessidade urgente daquele momento, quando os cristãos estavam lidando com a novidade da fé, perseguições e a iminente destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

O Novo Testamento, ao longo das cartas de Paulo, fala sobre a importância do trabalho individual e da responsabilidade pessoal, sem sugerir que todos os cristãos devem viver em comunidade como em Atos 2. Em 2^a Tessalonicenses 3:10-12, Paulo ensina que, se alguém não quiser trabalhar, também não deve comer, enfatizando a responsabilidade pessoal de cada cristão.

Portanto, a prática de compartilhar os bens em Atos 2 foi uma resposta a uma situação específica e não um mandamento para todas as igrejas ou para todos os tempos. A generosidade cristã é sempre incentivada, mas com a liberdade individual de contribuir conforme o coração de cada um, como vemos em 2^a Coríntios 9:7.

Infelizmente, o tema das esmolas muitas vezes se torna um tabu e desapareceu de muitas denominações religiosas, como se não fosse mais algo bem visto. Campanhas governamentais que dizem “não dê esmolas, dê oportunidades” transmitem a ideia de que todos estão financeiramente bem o suficiente para dar “oportunidades”. Mas a realidade é outra. Precisamos de pessoas como o centurião Cornélio, a quem Deus se agradou, dizendo: “Suas orações e esmolas subiram como oferta memorial diante de Deus” (Atos 10:4). Esmolas não são um assunto do “deus-Estado”. Lembre-se de que o próprio Filho de Deus, Jesus, ordenou que déssemos esmolas, e isso é um assunto

entre você e Ele. Quanto mais recursos as pessoas tiverem, maior será sua responsabilidade:

“Aos ricos deste mundo, mando que não sejam orgulhosos, nem ponham a sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos proporciona abundantemente para a nossa satisfação. Que façam o bem, que se enriqueçam de boas obras, que sejam generosos e prontos a repartir, armazenando para si mesmos um bom fundamento para o futuro, a fim de alcançarem a vida eterna”.

- 1^a Timóteo 6:17-19

Isso não significa que as pessoas de posses ou os ricos devam abraçar o mundo para salvá-lo com suas riquezas. Cada um tem sua cota e convicção no coração para cumprir o que Jesus ordenou. Também não é necessário vender todos os bens e doar aos pobres, pois foi justamente isso que Jesus não exigiu do jovem rico inicialmente, mas o convidou a observar se ele guardava os mandamentos (Mateus 19:17). No caso do jovem rico, o problema era o apego excessivo às riquezas, e Jesus, por isso, o desafia: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me” (Mateus 19:21).

Em 1^a João 3:17 diz que “se alguém tiver bens materiais e vir seu irmão necessitado, mas fechar o coração para ele, como pode permanecer nele o amor de Deus?”

Está muito claro nesse versículo que aquele que tem recursos neste mundo tem a responsabilidade de ajudar os necessitados. O amor de Deus, quando verdadeiramente habita no coração do cristão, se traduz em ações concretas de generosidade e cuidado com os outros. A falta de ação diante da necessidade do próximo coloca em questão a autenticidade desse amor.

Em Tiago 5:1-6, há uma repreensão clara e forte contra os ricos que acumulam riquezas de maneira injusta, explorando os trabalhadores e

vivendo de forma egoísta, sem se preocupar com as necessidades dos outros. Aqui está o trecho:

“Agora, vocês, ricos, chorem e lamentem-se, por causa da miséria que sobrevirá a vocês. As riquezas de vocês estão podres, e as roupas que vestem estão roídas pela traça. O ouro e a prata de vocês estão enferrujados, e essa ferrugem será um testemunho contra vocês e devorará a carne de vocês como fogo. Você tém acumulado riquezas nos últimos dias. Vejam! O salário que vocês retiveram dos trabalhadores que ceifaram os seus campos clama contra vocês. E a justiça dos trabalhadores chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Você tém vivido luxuosamente sobre a terra e se entregado aos prazeres. Fartaram-se de carne, como no dia da matança. Condenaram e mataram o justo, e ele não lhes resistiu”.

A grande questão não é necessariamente deixar de ser rico ou acabar com as suas riquezas doando tudo, mas sim a atitude do coração em relação a essas riquezas. O verdadeiro amor não apenas ajuda o necessitado, mas também visa transformar a própria riqueza em uma fonte de geração de trabalho, renda e desenvolvimento de maneira contínua e sustentável. Consegue imaginar quantas milhares de pessoas se beneficiariam com emprego, cursos e empréstimos? Se a questão fosse apenas a renúncia das riquezas, Deus não teria abençoado tantos de Seus servos com prosperidade, como foi o caso de Abraão, Isaque, Jacó e Salomão etc. O problema não está em ter riquezas, mas na avareza, que é considerada uma forma de idolatria.

“A avareza é idolatria” (Colossenses 3:5). A avareza, quando se torna a principal motivação do coração, leva uma pessoa a colocar as riquezas no lugar de Deus, confiando nelas para segurança, poder e satisfação, em vez de reconhecer que tudo vem de Deus e deve ser usado para o bem do próximo e para a glória Dele. Portanto, o verdadeiro desafio não é a posse de riquezas, mas a disposição de usar essas riquezas de maneira justa, generosa e responsável, buscando sempre servir aos outros e honrar a Deus com elas.

Portanto, levando em conta que nossa vida é breve neste mundo, somos apenas mordomos de Deus, encarregados de cuidar de Seus bens. Nada nos pertence. Como já dizia Jó, “Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei” (Jó 1:21). Devemos sempre ter em mente o perigo das riquezas e o risco de nos esquecermos dos pobres. O profeta Isaías já advertia:

“Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem campo a campo, até que não haja mais lugar, e ficam como únicos moradores no meio da terra!”

- Isaías 5:8

Além disso, devemos lembrar da lição que Jesus nos deu sobre a avareza e a forma como ela pode cegar as pessoas para o verdadeiro sentido da vida. Em Lucas 12:13-21, encontramos a parábola do homem rico, que acumulava riquezas de forma egoísta:

“E um homem da multidão lhe disse: Mestre, manda que meu irmão reparta comigo a herança. Mas ele lhe respondeu: Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós?

Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.

E lhes disse uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância. E ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos?

E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, e os edificarei maiores; e ali recolherei todo o meu produto e os meus bens. E direi à minha alma: Tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele que ajunta para si e não é rico para com Deus”.

- Lucas 12:13-21

Contribuições para Aqueles que se Dedicam ao Ensino da Palavra de Deus e a Obra Missionária

Vimos anteriormente que, mesmo após o fim da Antiga Aliança, ainda permanecem entre nós aqueles que precisam de generosidade: o órfão, a viúva, o pobre e o estrangeiro. Embora não tenhamos mais levitas ou sacerdotes como no Antigo Testamento, hoje contamos com pessoas que ensinam a Palavra de Deus, missionários e equipes de missões. Surge então a questão: esses servos do Senhor devem ser sustentados? Devem trabalhar apenas no ministério ou também ter atividades paralelas?

É compreensível que muitas pessoas estejam feridas, pois, ao longo do tempo, líderes religiosos gananciosos exploraram fiéis, prometendo prosperidade financeira e enriquecendo às custas de suas ovelhas. Muitos desses líderes adquiriram mansões, carros luxuosos e outros bens, enquanto os membros de suas igrejas enfrentavam dificuldades financeiras. Como consequência, alguns se afastaram de contribuir financeiramente, magoados por terem sido enganados.

Concordo com a indignação dessas pessoas. No entanto, é importante reconhecer que existem homens e mulheres de Deus de valor, que trabalham incansavelmente pelo Reino e pela salvação das pessoas, e que merecem ser sustentados para continuar seu serviço.

Vários versículos do Novo Testamento abordam o tema da remuneração daqueles que ensinam e pregam a Palavra de Deus. Alguns deles são:

1^a Tímóteo 5:17-18:

“Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente os que trabalham na pregação e ensino. Pois a

Escritura diz: ‘Não amordaces o boi enquanto debulha o grão’ e ‘O trabalhador é digno do seu salário’”.

O apóstolo Paulo deixa claro que os líderes que se dedicam ao ensino e à pregação merecem apoio financeiro. Ele cita duas referências: uma do Antigo Testamento (Deuteronômio 25:4, sobre o boi) e outra sobre a dignidade do trabalhador.

1^a Coríntios 9:13-14:

“Não sabeis vós que os que ministram no santuário recebem do templo os seus mantimentos, e que os que servem ao altar participam do altar? Assim também ordenou o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho”.

Paulo compara o ministério cristão com o serviço no templo antigo: assim como os sacerdotes eram sustentados pelos fiéis, os pregadores do Evangelho têm direito a receber sustento para se dedicar integralmente ao ministério.

Gálatas 6:6:

“E o que é instruído na palavra faça participante de todos os seus bens ao que o instrui”.

Este versículo reforça que aqueles que recebem ensino da Palavra devem ajudar financeiramente quem os instrui, oferecendo um apoio direto ao trabalho do mestre.

Lucas 10:7:

“Permaneци na mesma casa, comendo e bebendo do que tiverem; porque o trabalhador é digno do seu salário”.

Jesus instrui os discípulos enviados a pregar que aceitassem sustento de quem os recebia, reafirmando que aqueles que trabalham espiritualmente devem ser apoiados.

A Bíblia deixa claro que quem ensina ou prega a Palavra de Deus merece receber apoio financeiro, para que possa se dedicar totalmente ao ministério sem passar necessidade.

Houve, porém, momentos em que o apóstolo Paulo reconheceu seu direito ao sustento, mas optou por abrir mão dele por amor ao evangelho. Por exemplo:

1^a Coríntios 9:12:

“Se outros participam deste direito sobre vós, por que não o farei eu? Entretanto, não usei deste direito, para que o evangelho não tivesse nenhum impedimento”.

Paulo sabia que tinha direito a receber sustento, mas escolheu não cobrar, evitando que alguém rejeitasse o evangelho por pensar que ele o pregava por interesse financeiro.

1^a Coríntios 9:15:

“Mas de boa mente nada fiz; e assim me mantive de mãos livres de qualquer encargo, para não impor nenhum obstáculo ao evangelho de Cristo”.

Ele reforça que podia ser remunerado, mas preferiu trabalhar com suas próprias mãos (como em Atos 20:34, tecendo tendas) para não criar barreiras ao evangelho.

Portanto, o apóstolo Paulo mostra que, embora seja justo que os servos de Deus recebam sustento, há também o valor da generosidade voluntária e do equilíbrio entre direitos e sacrifício pelo

Reino. Existem líderes honestos que dedicam suas vidas ao ministério e merecem nosso apoio, sem cairmos na armadilha de generalizações por causa dos enganadores.

Quando, em Malaquias 3, Deus fala sobre o roubo nos dízimos e ofertas, Ele demonstra Sua preocupação com aqueles que se dedicavam ao trabalho no templo. Naquela época, os levitas não possuíam herança própria e dependiam da generosidade do povo para viver. Da mesma forma, hoje, uma pessoa que se dedica integralmente ao ensino da Palavra de Deus geralmente não tem outra fonte de renda. Ela não investe em outros trabalhos, cursos ou carreiras que garantam seu sustento e o bem-estar de sua família.

No passado, quando os israelitas negligenciavam seus dízimos e ofertas, acabavam gerando dificuldades financeiras para aqueles que serviam ao Senhor. O mesmo risco existe atualmente: se não apoiarmos financeiramente quem se dedica ao ministério, o avanço do Evangelho e a manutenção da obra podem ser comprometidos.

O que precisamos entender é que, profeticamente, haverá um tempo em que o Espírito de Deus penetrará na maioria da humanidade, e a Igreja alcançará maturidade espiritual. Naquele período, os cristãos não dependerão mais da supervisão direta de líderes e mestres, pois a Igreja atingirá a “perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Efésios 4:11-14).

Enquanto isso não acontece plenamente, a Igreja está em processo de crescimento: saindo da infância espiritual e amadurecendo gradualmente. Nesse estágio, ainda há necessidade de professores, mestres e líderes que guiem os fiéis, como um adulto conduz uma criança. A promessa de que “ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça ao Senhor’, porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior” (Hebreus 8:11) será cumprida no futuro, mas ainda vivemos na fase em que a instrução teológica e a liderança são essenciais.

Portanto, enquanto a Igreja ainda depende de tutores e guias espirituais, é necessário garantir que eles possam viver com dignidade. Contribuir financeiramente com missionários e professores da Palavra de Deus é uma forma prática de permitir que o Evangelho continue avançando em todas as partes do mundo. É um ato de parceria com a obra de Deus, reconhecendo o valor daqueles que dedicam suas vidas ao ministério.

5

A Prosperidade é Vontade de Deus

Quando se fala em dízimo, logo se pensa na famosa Teologia da Prosperidade. Em resumo, podemos dizer que a Teologia da Prosperidade é como “barganhar com Deus”. A motivação de muitos frequentadores de igrejas ao dar ofertas e devolver o dízimo é o interesse de receber de Deus muito mais do que estão dando. É, de fato, uma motivação egoísta. Por causa dessa teologia, muitos acreditam que ter saúde e dinheiro é sinal de que a pessoa é justa diante de Deus. Houve muitos abusos nesse ensino, o que tem sido muito danoso para a imagem do Evangelho de Cristo. Muitos pastores enriqueceram com essa teologia, enquanto outros perderam tudo ao doar para certas denominações evangélicas.

No entanto, o que vou ensinar aqui é sobre a verdadeira prosperidade material ensinada na Bíblia, a qual é a vontade de Deus para seus filhos pela fé. É um fato bíblico que Deus prometeu coisas que contribuirão para o sucesso pessoal de Seus filhos. Ao cumprir essas promessas, Deus também estará promovendo Seus próprios planos. Essas promessas são recebidas pela fé, para o benefício da pessoa, mas, ao alcançarem o sucesso prometido por Deus, acabam impulsionando também o plano divino no Reino de Deus. O plano de Deus e nossa prosperidade estão intrinsecamente ligados.

Quando o Senhor Jesus disse em Mateus 6:33 para Seus discípulos buscarem “em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas”, a pergunta é: quais são essas coisas que lhes serão acrescentadas? Os versículos anteriores respondem:

“Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’

Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas”.

- Mateus 6:31-32

Comida, bebida e roupas são garantidos por Deus a todo aquele que busca, em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua justiça. Isso ainda é o básico. Mas é certo que, se o cristão não progredir, o plano de Deus em Seu Reino também não avançará. Se o cristão tem progresso material, o Reino também progride. Muitos estão se comportando como falsos cristãos ao se entregarem a um sofrimento inútil e pretensioso com doença e pobreza. Quando, pela fé, o cristão não recebe cura e prosperidade, quando recusa milagres, bênçãos e respostas às orações, ele está infligindo danos incalculáveis às multidões, tanto no presente quanto no futuro.

É pela fé na Palavra de Deus (e não por barganhas) que se recebe a prosperidade, pois tudo o que temos vem do Senhor. Não há espaço para vanglória, pois o sucesso genuíno glorifica a Deus. Nossa saúde e prosperidade refletem a saúde do Corpo de Cristo. É lamentável que, quando se trata de cura e prosperidade, nossos teólogos, com suas ortodoxias humanas, retirem tudo isso do Reino de Deus. Eles exaltam o fracasso e o sofrimento. Esses teólogos sem fé ensinam as pessoas a realizarem milagres por conta própria, ao incentivá-las a buscar prosperidade e cura fora de Deus, na medicina e na economia. São métodos sem fé. Por sofrerem devido à incredulidade deles, se acham heróis. Insistem que os cristãos devem concordar com suas interpretações e, para isso, abusam da exegese das Escrituras. Tais

teólogos pregam que os cristãos devem aceitar o sofrimento enquanto, paradoxalmente, impõem sofrimento sobre eles com jugos pesados.

Voltando ao que Jesus disse sobre buscar o Reino de Deus em primeiro lugar, Deus garante que nossas bênçãos serão melhores do que as de Salomão, pois Ele “é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o Seu poder que atua em nós” (Efésios 3:20). O problema é que não recebemos porque pedimos mal:

“De onde vêm as guerras e contendas entre vocês? Não vêm das paixões que guerreiam dentro de vocês?

Vocês cobiçam coisas, e não as têm; matam e invejam, mas não conseguem obter o que desejam. Vivem em constante luta e fazem guerras. Não têm, porque não pedem.

Quando pedem, não recebem, pois pedem com intenções erradas, para gastar em seus próprios prazeres”.

- Tiago 4:1-3

Quando alguém pede por prosperidade, qual é a intenção do coração? Se for para ter uma vida próspera financeiramente, para sua família não passar dificuldades, para ter bens materiais, para ajudar os necessitados, as viúvas, os órfãos e poder contribuir com o Reino de Deus, então temos uma boa cobiça, sem “motivos errados, para gastar em seus próprios prazeres”. Aqui está um dos segredos quando se pede por prosperidade. Mas Deus conhece o coração de cada um e, se for necessário, Ele o purifica. Na mesma carta de Tiago, ele diz:

“Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês.

Aproximem-se de Deus, e Ele se aproximará de vocês! Pecadores, limpem as mãos, e vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração.

Entristeçam-se, lamentem e chorem. Troquem o riso por lamento e a alegria por tristeza.

Humilhem-se diante do Senhor, e Ele os exaltará”.

- Tiago 4:7-10

Mas é inegável, diante de todos, que os falsos teólogos religiosos não podem negar que Jesus garantiu essa prosperidade para quem busca o Reino de Deus em primeiro lugar. Por isso, eles apelam para a moderação ou equilíbrio. Mas qual seria esse equilíbrio nas palavras de Jesus? Equilíbrio ou não, o que Jesus disse é claro demais. Não adianta ensinar metade do que Jesus disse e, na outra metade, contradizê-lo. Acreditar um pouco e duvidar da outra metade das palavras de Jesus não é equilíbrio, mas heresia. Ou se obedece ao que o Senhor ensinou, ou seremos rebeldes.

O Senhor foi bem claro sobre “todas essas coisas” — dinheiro, comida, roupas e todas as coisas que os pagãos buscam e pelas quais se preocupam. Elas serão acrescentadas por Deus ao Seu povo. Essa é uma das promessas mais básicas sobre a prosperidade.

Mas nossos mestres cristãos são tão incrédulos que até mesmo o Salmo 23:1 querem adulterar. O Salmo diz:

“O Senhor é o meu pastor; nada me faltará”.

Esta é a tradução mais comum dessa passagem em português, baseada em versões tradicionais como a Almeida. Mas a tradução alternativa que muitos estão falando nas redes sociais seria:

“O senhor é meu pastor e ele não me faltará”.

Esta tradução não está incorreta, mas ela adiciona um toque interpretativo que pode ser considerado como um tipo de paráfrase ou tradução dinâmica. Em vez de traduzir diretamente, ela tenta enfatizar mais a ideia de que “Deus” (o Senhor) não faltará à pessoa, ou seja, Ele não deixará de cuidar ou providenciar o que for necessário. A tradução mais precisa do Salmo 23:1, conforme o

hebraico original, é “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará”. A tradução alternativa mencionada acima, “O senhor é meu pastor e ele não me faltará”, é uma paráfrase que tenta trazer um tom mais pessoal ou interpretativo para a frase, mas ainda transmite a essência da confiança e cuidado Divino.

A justificativa que esses mestres apresentam ao recorrer a essa tradução alternativa é a ideia de que muitos cristãos acabam passando necessidade. Trata-se da velha tendência de criar doutrinas centradas no ser humano e em sua experiência, em vez de na verdade revelada por Deus. É evidente que muitos cristãos passaram por privações, pois “alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, e até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados — homens dos quais o mundo não era digno — errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas e pelos antros da terra” (Hb 11.35–38).

Tudo isso acontece porque este mundo ainda está caído e corrompido, porque ainda não somos perfeitos e porque crescer nas virtudes de Cristo envolve, inevitavelmente, suportar dificuldades nesta vida. O grande sofrimento do cristão provém justamente dessas provações descritas em Hebreus 11, resultantes da perseguição de homens maus, de sistemas religiosos distorcidos, de governos e semelhantes. Contudo, esses sofrimentos são circunstanciais; não constituem um padrão universal, mas são específicos a contextos particulares, muitas vezes inseridos em nações pagãs.

Ainda assim, o Senhor Jesus Cristo nos capacita a enfrentar tais sofrimentos com alegria, pois compreendemos que, quando encarados à luz do Evangelho, eles exercitam nossa paciência e fortalecem nossa perseverança. É fato que Deus nos concedeu recursos para vencer muitos dos nossos problemas; e, na verdade,

muitas vezes é o próprio Deus quem nos ordena a resistir, utilizando os meios que Ele mesmo ensina e providencia.

Mais do que a existência do sofrimento, o problema pior está no fato de que muitos líderes religiosos ensinam que sofrer faz parte da própria essência do evangelho. Assim, muitas pessoas passam a crer que dor, fracasso, enfermidade e pobreza são elementos inseparáveis da vida cristã, e que acolhê-los seria uma demonstração de fidelidade. Essa visão deturpa o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Ainda que o sofrimento possa surgir como consequência da oposição daqueles que rejeitam a Deus, é equivocado afirmar que o Evangelho de Cristo, em si, exige sofrimento. Pelo contrário, ele carrega poder para nos libertar dele e anuncia vitória sobre toda forma de oposição.

O sofrimento se manifesta onde há rejeição à autoridade divina. Quando homens escolhem seguir seus próprios caminhos em vez de se submeterem a Deus, o resultado é desordem e corrupção. Contudo, em um contexto onde há reconhecimento e submissão ao governo de Deus, o sofrimento não se estabelece como norma. O evangelho de Jesus Cristo não proclama miséria, mas libertação de toda maldição gerada pela rebelião contra Deus.

Mestres religiosos, movidos pela incredulidade, recorrem à soberania de Deus como argumento para afirmar que o cristão deve sofrer e não experimentar cura, prosperidade e outras bênçãos. Na prática, limitam sua mensagem à exaltação da pobreza, da doença e do sofrimento, e ali encerram seu ensino. Nunca caminharam pela fé. Nunca creram, de fato, nas palavras de Jesus.

A soberania de Deus já foi claramente revelada quando Jesus afirmou que, ao buscarmos primeiro o Reino de Deus, todas as demais coisas nos seriam acrescentadas (Mateus 6:33). Ele também declarou que tudo o que pedíssemos em Seu nome, Ele o faria (João 14:13–14). Entretanto, o religioso incrédulo costuma argumentar que tudo só será respondido se estiver de acordo com a vontade de Deus

(1^a João 5:14). O que muitos ignoram é que essa vontade já foi amplamente revelada nas Escrituras, em centenas de versículos.

O salmista, por exemplo, proclama: “Glorificado seja o Senhor, que se compraz na prosperidade do seu servo” (Salmos 35:27). Ainda assim, os religiosos incrédulos insistem em dizer que essa prosperidade é apenas espiritual. Fazem isso porque não creem na prosperidade palpável, material. Para eles, o espiritual é algo abstrato, distante da realidade concreta — e, justamente por isso, mais fácil de afirmar que se crê.

Enfim, o Evangelho que deve ser proclamado é uma mensagem de triunfo. Não há espaço para derrota nem para falta de fé. A mensagem é clara no que diz respeito à salvação, prosperidade e cura. A doença e a sua cura, o desespero e a sua solução precisam estar sob o controle de Cristo. Quando alguém acredita que o sofrimento faz parte do Evangelho, torna-se incapaz de lidar com a prosperidade material. Se não crermos no que Cristo disse nos Evangelhos, acabaremos nos sentindo compelidos a alterar as palavras de Deus para que se ajustem à nossa própria situação.

Corremos então o risco de começar a interpretar todo sofrimento — inclusive aquele que resulta de nossos próprios pecados ou incredulidade — como algo bom e santo, chegando até a tratá-lo como uma dádiva de Deus. Assim, passamos a aceitar a pobreza e a doença como parte do plano de Deus para nossas vidas. Esse pensamento conduz o cristão a uma mordomia infiel da graça de Deus.

Ao falar dessas coisas, consideremos o povo de Israel quando saiu do Egito. O sofrimento daquele povo, inicialmente, vinha dos egípcios que os oprimiam, pois eram escravos submetidos a trabalhos pesados e a um tratamento brutal. Uma vez libertos por Deus de seus opressores, estes já não puderam mais lhes causar sofrimento. Após a saída do Egito, o sofrimento que Israel experimentou passou a ser

consequência da sua própria incredulidade: a relutância em crer que Deus supriria as necessidades no novo ambiente, como a falta de água ou alimento.

Em vez de confiarem em Deus, murmuraram e duvidaram de Seus propósitos. Chegaram ao ponto de afirmar que Deus os havia tirado do Egito para fazê-los morrer no deserto.

Esse tipo de atitude enfurece a Deus, pois O trata como infiel e distorce o Seu caráter. Não demorou para que aquele povo, no deserto, começasse a desenvolver uma teologia que justificava o sofrimento, alegando que era da vontade de Deus que suportassem tais dificuldades. De modo semelhante, em nossos dias, religiosos sem fé tentam justificar a falta de prosperidade atribuindo-a a Deus, fingindo que viver em doença e pobreza é sinal de santidade.

Quando esse pensamento é desmascarado, revela-se claramente absurdo. Ele retrata Deus como cruel e impiedoso, como se quebrasse Suas promessas e tivesse prazer em ver Seu povo sofrer. A Bíblia, porém, apresenta uma imagem completamente diferente de Deus e de Suas intenções para com aqueles que Lhe pertencem.

Para concluir este capítulo, observemos a história de Abraão como exemplo de fé. O patriarca colocava Deus em primeiro lugar em tudo. O Senhor não lhe negou bênçãos, mas lhe concedeu Isaque, o filho da promessa. Mesmo quando Abraão foi provado e solicitado a sacrificar Isaque, ele creu tão plenamente na promessa que confiou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos. A Escritura afirma que Abraão “considerou que Deus era poderoso para até ressuscitar os mortos; e, figuradamente, recebeu Isaque de volta dentre eles” (Hebreus 11:17–19).

Sua fé estava firmemente concentrada na promessa de Deus. E, ao crer, ele recebeu não apenas Isaque, mas também todas as bênçãos que Deus havia prometido por meio dele. Assim, o Evangelho foi

apresentado a Abraão como uma promessa de vida, prosperidade e grandeza, e sua fé consistia em uma confiança absoluta na Palavra de Deus. Ele cria na capacidade Divina de cumprir Suas promessas, mesmo que isso exigisse uma ressurreição. Esse é o verdadeiro coração daqueles que creem no evangelho da cura e da prosperidade: não um coração ganancioso ou carnal, mas uma disposição de colocar Deus em primeiro lugar, aliada a uma confiança inabalável em Seu poder. Isso é bem diferente do chamado “evangelho da prosperidade” pregado por pastores que vivem exigindo dízimos.

Creio que o leitor já pôde ter um vislumbre do que realmente significa a bênção de Deus no que diz respeito à prosperidade. Precisamos crer como Paulo, quando declarou: “O meu Deus suprirá todas as vossas necessidades segundo as suas riquezas em glória, em Cristo Jesus” (Filipenses 4:19). Essas palavras se aplicam a nós, pois servimos ao mesmo Deus e ao mesmo Cristo Jesus que os filipenses serviam. Compartilhamos a mesma fé e, portanto, as mesmas promessas e bênçãos. É justo, então, que encontremos consolo e encorajamento nesse versículo — e ele tem cumprido esse papel para inúmeros crentes que enfrentaram escassez e dificuldades financeiras.

O que escrevi até agora não esgota o assunto da prosperidade material para os filhos de Deus. Creio que futuramente produzirei mais textos sobre o assunto.

Conclusão

Você não é Ladrão, mas...

“Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de vinho os teus lagares”.

- Provérbios 3:9-10

Este versículo nos ensina que devemos reconhecer Deus como a fonte de todas as nossas bênçãos e, como expressão dessa honra, separar para Ele uma parte dos nossos recursos. Isso não é apenas um ato de gratidão, mas também uma declaração prática de que a nossa confiança está em Deus, e não nas riquezas materiais. A promessa bíblica é que, ao agirmos assim, Deus abençoa de forma abundante aquilo que temos.

Você não é ladrão. Caso não devolva o dízimo segundo as normas do Antigo Testamento, isso não significa que esteja roubando. Não existe mais o levita, nem o sistema do templo e da administração da Antiga Aliança como eram praticados. Os tempos são outros. O princípio que deve prevalecer agora é o da GENEROSIDADE.

Você não é ladrão, mas continua tendo responsabilidade para com o próximo — o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro. Ainda existem aqueles que se dedicam ao ensino da Palavra de Deus, como pastores, mestres e missionários. Não podemos transferir ao Estado a obrigação de sustentar os necessitados e aqueles que nos instruem

espiritualmente. Basta observar o quanto foi desastroso para a sociedade quando essa responsabilidade foi terceirizada ao assistencialismo estatal. Surgiu, então, um Estado inchado, de viés socialista-comunista, que busca controlar até os mínimos detalhes da vida das pessoas. Esse modelo sufocou as doações voluntárias, o espírito de serviço e a iniciativa individual.

Portanto, quando honramos ao Senhor com um coração puro, com os nossos bens e com as primícias de toda a nossa renda, podemos ter certeza de que Deus nos retribuirá segundo as nossas obras, tanto nesta vida quanto na futura. Procure, assim, os pobres e necessitados e ajude-os. E, se não desejar contribuir com instituições religiosas conhecidas, busque ministérios e obras sérias que muitos ignoram, mas que fazem um trabalho fiel.

Essa é a verdadeira oferta. Agindo dessa forma, você não é ladrão.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em
www.revistacrista.org



